

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE GÊNERO

Eloiza Helena de Carvalho Bidel

BRUXAS E CURANDEIRAS – A SABEDORIA ANCESTRAL
FEMININA

Um projeto de intervenção para educação de gênero no ensino fundamental

Santa Maria, RS

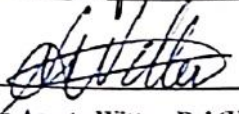
2022

Eloiza Helena de Carvalho Bidet

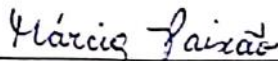
BRUXAS E CURANDEIRAS – A SABEDORIA ANCESTRAL FEMININA
Um projeto de intervenção para educação de gênero no ensino fundamental

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Especialização em Estudos de
Gênero, da Universidade Federal de Santa
Maria (UFSM) como requisito parcial para a
obtenção do grau de Especialista em Estudos
de Gênero.

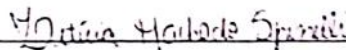
Aprovado em 21 de junho de 2022.


Nikelen Acosta Witter, Dr^a (UFSM)

(Presidente/ Orientadora)



Márcia Eliane Leindcker da Paixão, Dr^a (UFSM)



Letícia Machado Spinelli, Dr^a (UFN)

Santa Maria, RS.

2022

BRUXAS E CURANDEIRAS – A SABEDORIA ANCESTRAL FEMININA

Um projeto de intervenção para educação de gênero no ensino fundamental

WITCHES AND HEALERS - THE FEMALE ANCESTRAL WISDOM

An intervention project for gender education in elementary school

Eloiza Helena de Carvalho Bidet¹, Nikelen Acosta Witter²

RESUMO

A proposta emerge da necessidade de construir uma atividade pedagógica de intervenção em sala de aula a fim de aproximar ensino e reflexão, compreensão e engajamento social. A intervenção se realizou a partir da exibição de um filme ao qual professora e alunos assistiram em conjunto. O filme escolhido para a intervenção é *Abençoa-me, Ultima – A curandeira* (2013). Os estudos sobre o chamado *sagrado feminino* estão fortemente conectados com a história da bruxaria e do curandeirismo praticado por mulheres, as quais eram chamadas de bruxas. Boa parte delas, ao invés de reter poderes malignos, como foram acusadas, era pessoas que levavam a cura aos doentes a partir natureza, através dos chás, banhos de ervas, entre outros. Ao longo dos anos em diferentes culturas a figura das mulheres foram atreladas ao arquétipo de “bruxas”. A imagem feminina foi caracterizada com atribuídos típicos imaginários do “mal”. A Igreja e as instituições dominantes no Ocidente, desde fins da época medieval, trajaram as mulheres com sinais das práticas profanas, denominando os seus saberes com algo perigoso e que devia ser temido pela humanidade. A Curandeira, constitui como importante ferramenta de aprendizagem para o processo educacional escolar. Rompendo os paradigmas, na visão conservadora em relação ao conhecimento científico e o empírico.

Palavras-chave: Intervenção pedagógica; Aprendizagem; Curandeira; Bruxaria.

ABSTRACT

The proposal emerges from the need to build a pedagogical intervention activity in the classroom in order to bring together teaching and reflection, understanding and social engagement. The intervention took place from the exhibition of a film which the teacher and students watched together. The film chosen for the intervention is *Bless me, Ultima – A curandeira* (2013). Studies on the sacred feminine call are strongly connected with the history of witchcraft and witchcraft practiced by women, who were called witches. Most of them, instead of retaining evil powers, as they were accused, were people who took the cure to the sick from nature, through teas, herbal baths, among others. Over the years in different cultures the figure of women has been linked to the archetype of "witches". The female image was

¹ Historiadora, Pós-Graduada na Especialização em História da América Latina, Pós-Graduada em Ensino Religioso, Especialista em Gestão Escolar, Feminista. E-mail: ehbidet@gmail.com

² Orientadora. Dr^a em História Social, Coordenadora do Grupo de Estudos e Extensão – Universidade das Mulheres – GEEUM. E-mail: nikelen.witter@ufsm.br

characterized with typical imaginary attributes of “evil”. The Church and the dominant institutions in the West, since the end of medieval times, have dressed women with signs of profane practices, naming their knowledge as something dangerous and that should be feared by humanity. The Healer is an important learning tool for the school educational process. Breaking paradigms, in the conservative view in relation to scientific and empirical knowledge.

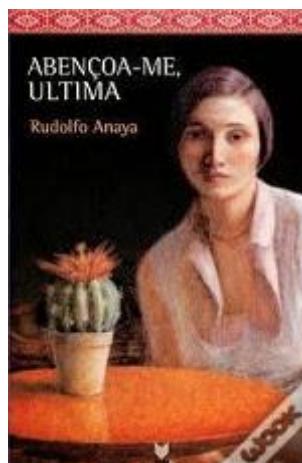
Keywords: Pedagogical intervention; Learning; Healer; Witchcraft.

1. INTRODUÇÃO

Primeiramente, a sugestão de trabalho emerge da proposta pedagógica de intervenção em sala de aula a fim de aproximar ensino e reflexão, compreensão e engajamento social. A intervenção se realizou a partir da exibição de um filme ao qual professora e alunos assistiram em conjunto. Essa atividade tem como objetivo tanto a interação entre estudantes, quanto também será objeto de estudo/pesquisa sobre as reações e compreensões demonstradas por estes. O filme escolhido para a intervenção é *Abençoe-me, Ultima – A curandeira* (2013).



Baseado no famoso romance de Rudolfo Anaya, *Abençoe-me, Ultima – A curandeira* é a história da amizade de um Antônio, um garoto criado no Novo México, e uma curandeira, durante a Segunda Guerra Mundial. Em um certo momento, a curandeira chamada Ultima vai morar com a família do menino. Após essa mudança, uma série de eventos misteriosos começam a acontecer na vida do menino com o propósito de que ele enfrente o próprio destino e aprenda a lidar com os poderes místicos e espirituais que o cercam. Isso ocorre com a ajuda de Ultima, que ensina e guia Antônio a lidar com o bem, o mal e os problemas que cercam a sua aldeia.



A magia que existe dentro de Ultima é uma lição de vida. Apesar de Antônio ser um dos personagens principais, o filme lida com as questões do sagrado feminino e o poder espiritual de cada mulher. O filme fala também sobre a sabedoria interna e o processo de autoconhecimento, os quais melhoram a percepção da intuição e a conexão com a natureza, a espiritualidade e a sexualidade sagrada. Para Ultima, esse é o mundo verdadeiro e despertar para ele permite que você se livre dos padrões estabelecidos pela sociedade e das crenças que te impedem de enxergar a verdade.

Os estudos sobre o chamado *sagrado feminino* estão fortemente conectados com a história da bruxaria e do curandeirismo praticado por mulheres, as quais eram chamadas de bruxas. Boa parte delas, ao invés de reter poderes malignos, como foram acusadas, era pessoas que levavam a cura aos doentes a partir natureza, através dos chás, banhos de ervas, entre outros.

Historicamente, em diferentes sociedades, estas mulheres sofreram muitas perseguições. Porém, toda uma nova compreensão tem sido elaborada sobre a relação destas mulheres com o mundo natural (CAZALLAS, 2019). O *sagrado feminino* passou a ser compreendido como a busca de se conectar com as porções femininas das divindades.

A curandeira do filme, Ultima, demonstra carregar dentro de si o poder para curar o mal e usa a natureza a seu favor. Seus ensinamentos buscam evidenciar que dentro de nós há uma força interna que precisa ser despertada, fazendo com que o caminho para o autoconhecimento seja libertador. O filme apresenta uma visão positiva da curandeira, procurando mesmo resgatar uma cultura própria e saberes ancestrais que se identificam com o feminino.

A proposta de intervenção se baseia na construção de um debate entre alunos para que, após assistirem o filme acima citado, tornem-se capacitados a explorar, conversar e trocar ideias acerca da visão que cada um tem do tema.

O filme, de acordo com Kenneth P. King (1999), foi uma das primeiras tecnologias a entrar no circuito educativo, seguido, posteriormente, pela televisão e computador. Seu uso teve grande sucesso durante a Segunda Guerra Mundial, como instrumento de treinamento, tanto nos Estados Unidos, como em vários países da Europa. Na década de 1950, destaca-se a série de filmes para o ensino da Física produzida pela PSSC (Physical Sciences Study Committee), como contribuição para a melhoria do ensino de Ciências (RESENDE e STRUCHINER, 2009; ROHLING et al., 2002).

No Brasil, data da década de 1930 a introdução dos audiovisuais na Educação, até como interesse do Estado Novo em utilizar o cinema como instrumento de ampliação do seu projeto político de educação. Nessa linha, por exemplo, é que foi criado o INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo), em 1936 (RESENDE e STRUCHINER, 2009; SCHVARZMAN, 2004). O cinema, como imagem, som e movimento, apresenta várias possibilidades educativas. A sensação de realidade e a visualização da aplicação de conceitos em várias situações pode favorecer a compreensão dos alunos (MENDONÇA e GUIMARÃES, 2008; CHAMPOUX, 1999).

No caso da atividade proposta, esta pode conduzir os alunos a identificar um novo enfoque para os conteúdos trabalhados, já que implica em uma mudança na forma de percebê-los, de avaliá-los e de entendê-los. Isso, sem dúvida, pode contribuir significativamente para o processo de aprendizagem, pois incorpora o aspecto lúdico, ao propiciar prazer, e o aspecto pedagógico, ao favorecer a aquisição de conhecimentos. Tal metodologia vai plenamente ao encontro dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que incentivam docentes a buscar estratégias que envolvam seus alunos nas aulas e facilitem o seu aprendizado (FARIA et al., 2015; SQUINCA, 2014; DANTAS, 2007).

O cinema tem um potencial didático ainda pouco explorado, o que pode ser justificado pela falta de recursos materiais presentes na maioria das escolas brasileiras. Além da resistência da parte docentes no emprego de alternativas para o ensino, muito embora, esta tenha diminuído bastante nos últimos anos.

A exibição de filmes interfere na rotina didática, por necessitar da disponibilidade da/o professor/a e do planejamento da atividade direcionada ao perfil dos alunos (FREITAS, 2006). Um bom planejamento, para o uso de filmes em sala de aula, requer o conhecimento da película a ser exibida, a identificação de elementos associados ao conteúdo da disciplina e a formulação de roteiros para a discussão em sala.

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer,

a ideologia e os valores sociais mais amplos, são sintetizados numa mesma obra. (NAPOLITANO, 2005, p. 65).

Com base nisso, compreende-se que utilizar um filme como apoio pedagógico é também um modo de incentivar a cultura e de fazer com que o acesso a materiais áudio visuais chegue até alunos carentes. A partir disso, a proposta de intervenção se baseia na de um debate dialógico teórico/prático/reflexivo que permita que os alunos tenham o direito de dizerem a sua palavra e expressarem suas ideias. Assim sendo, pretende-se proporcionar a todos os educandos um espaço para que se sintam à vontade de exporem seus posicionamentos e suas inquietações.

A proposta de intervenção partiu de um filme como eixo-base na prática do debate, como ferramenta saudável no desenvolvimento da autonomia. Com isso, a proposta se constitui da seguinte maneira:

- Alunos dispostos em círculo para que todos possam ver e possam ser vistos por colegas e pela professora.
- Direito de fala adquirido através do ato de levantar a mão, indicando que tem algo a contribuir com o debate.

O círculo proporciona uma visão completa de todos que participam, fazendo com que se sintam valorizados e acolhidos. A questão a ser trabalhada neste ponto é que todas as pessoas merecem respeito e têm direito a falar, bem como a ouvir. Além disso, tendo em vista que cada um tem uma visão diferente, a proposta busca demonstrar que é necessário lidar com percepções que não se assemelham a nossa.

A proposta desta metodologia de intervenção faz com que educandos sejam inseridos em uma teia de trocas mútuas de conhecimento e, a partir disso, se sintam motivados a buscarem novas maneiras de expressarem seus pensamentos. Para tanto, a intervenção se baseia no respeito mútuo sobre a opinião e visão dos colegas.



A roda de conversa na metodologia de intervenção é de extrema importância para que o aluno através da abertura de seu pensamento se sinta valorizado. Pois oscila entre o papel de ouvinte e o papel de apresentador, trocando de lugar com seus colegas até que todos tenham tido a oportunidade de exporem suas percepções e visões acerca tema proposto.

Por fim, compreende-se que utilizar um filme como apoio pedagógico é também uma maneira de construir uma extensão do ensino e da aprendizagem para outros meios de informação. Por fim, a proposta emerge da necessidade de incentivar aos educandos a elaborarem suas ideias em forma de discurso falado e entrarem em contato com diferentes pontos de vista e de diferentes vertentes. Fazendo com que compreendam que de um único projeto podem surgir inúmeras falas e inúmeras propostas de continuidade.

2. PARTINDO DE ONDE? REFERENCIAL TEÓRICO

Ao desenvolver esta proposta de intervenção didática se percebeu, inicialmente, a necessidade de contextualizar o conceito de gênero. Isso porque um dos pontos fundamentais do tema proposto é a História das Mulheres, a qual está imbricada em todos os contextos e não pode ser separada das relações sociais e culturais entre homens e mulheres. A teoria de gênero é uma teoria política que estuda não somente relações interpessoais como também as disputas de poder que a acompanham. Tais disputas se utilizam de todo um aparato discursivo que

confunde e reforça as normas impostas de fragilidade, incapacidade intelectual e inferioridade das mulheres perante os homens.

Estas definições são construídas na realidade social e não decorrentes da anatomia dos corpos. Elas emergem de um cenário milenar onde muitos foram os avanços, mas também muitas foram as permanências e também retrocessos. A construção histórica e social da terminologia de gênero na concepção de Joan Scott (1995, p. 75) afirma que:

O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino [...] Além disso, o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos.

Nesse contexto, vem-se evidenciando a construção histórica e cultural da diferença sexual e racial nos papéis dos homens e das mulheres na sociedade. Na maior parte da historiografia, o patriarcado é apontado como um gerador de desigualdade e de violência, tanto de gênero, quanto interétnica (CARNEIRO, 1999), o qual insiste em se manter forte e presente no imaginário social. O Brasil não é uma exceção.

Gilbert Durand (1997) propõe uma estruturação do imaginário por meio da categorização das significações inerentes às imagens que são identificáveis em culturas diversas. Ele busca, dessa forma, desnudar as bases míticas do pensamento humano por meio de uma lógica constelacional, distinguindo duas classificações: o regime diurno e o regime noturno das imagens. No entanto, para o autor, essas categorias não constituem “agrupamentos rígidos de formas imutáveis” (DURAND, 1997, p. 64), há, antes, uma tendência dialógica de organização dessas estruturas.

As práticas de violência impostas de forma sistêmica no período da perseguição inquisitorial e durante a genocida colonização das Américas, com métodos de torturas em níveis físicos, sexuais, psicológicos, morais e patrimoniais, infelizmente não ficou no passado. Embora não faça mais parte de um sistema, ela permanece normalizada no cotidiano de uma grande quantidade de mulheres. Com respaldo na ideologia religiosa, na moralidade e na diferença de gênero (FEDERICI, 2019).

Ao longo dos anos em diferentes culturas a figura das mulheres foram atreladas ao arquétipo de “bruxas”. A imagem feminina foi caracterizada com atribuídos típicos imaginários do “mal”. A Igreja e as instituições dominantes no Ocidente, desde fins da época medieval, trajaram as mulheres com sinais das práticas profanas, denominando os seus saberes com algo perigoso e que devia ser temido pela humanidade. Construindo um vínculo entre as mulheres,

a corrupção e as práticas maléficas. Estes pensamentos perduraram de várias formas em discursos na História em momentos distintos, sendo as mulheres consideradas ora satânicas e ora santas. Segundo estes discursos, as “mulheres-bruxas” estavam predestinadas ao mal, possuíam dons e saberes ocultos, assim eram agentes de manifestações sobrenaturais.

De acordo com Portela (2017) desconstruindo a lógica naturalizadora das qualificações e adjetivações do masculino e feminino a partir de sua predestinação biológica, o conceito de gênero busca aclarar e analisar os papéis sociais individuais dos sexos a partir de sua construção psicológica, social, política e cultural. São essas determinações subjetivas que possibilitam a determinação de comportamentos específicos, por vezes unilaterais e polarizados, incorporando às relações de gênero as premissas da submissão feminina frente à dominação e apropriação dos instrumentos de poder masculino.

O manual de Inquisidores do século XV ressalta a aliança das bruxas e os demônios. O *Malleus Maleficarum* (ou O Martelo das Bruxas), obra dos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger (1487) afirma:

Há três coisas insaciáveis, quatro mesmo que nunca dizem: Basta! A quarta é a boca do útero. Pelo que, para saciarem a sua lascívia, copulam até mesmo com demônios. Poderíamos adiantar ainda outras razões, mas já nos parece suficientemente claro que não admira ser maior o número de mulheres contaminadas pela heresia da bruxaria. E por esse motivo convém referir-se a tal heresia culposa como a heresia das bruxas e não a dos magos, dado ser maior o contingente de mulheres que se entregam a essa prática. (...)” (*Revista Brasileira de História das Religiões*, vol. III, nº 9, 2016.).

A chamada *caça às bruxas* que ocorreu na Europa entre os séculos XV e XVIII foi um dos mais assombrosos episódios de perseguição sistemática às mulheres, cujo crime era estarem inseridas em um gênero permanentemente sob suspeita. O período de 1600 e 1650 foi um dos piores momentos na prática de crueldades, humilhações e mortes como punição à condição feminina (LEVACK, 1989). Conforme, aponta Federici (2017), não é possível separar a caça às bruxas dos processos que marcam o início da época moderna: a desestruturação da lógica econômica feudal, a consolidação dos Estados Nacionais, as Reformas. Mesmo o princípio da Revolução Científica foi marcado pela misoginia explícita da sociedade.

Uma verdadeira obsessão pela bruxaria e pelas forças demoníacas toma posse da imaginação de uma grande parte dos homens desse período. Essa obsessão foi fomentada pelos papas esclarecidos da Renascença, pelos grandes reformadores protestantes, pelos santos da Contra-Reforma, pelos eruditos, humanistas, legisladores, monges e padres. (TOSI, 1998, p.372).

A simbologia do “poder feminino” ou bruxaria, nesse período, foram extirpados do ensinamento dos chamados “saberes naturais”, passando a serem tidas como práticas do

demoníacas, de pecados e de castigos. Os ensinamentos e práticas exercidas e compartilhadas ancestralmente entre as mulheres se tornaram razão para castigos severos, violência físicas, psicológicas e morais, através da instrumentalização da Inquisição (TOSI, 1998).

A solidificação do cristianismo e da Igreja Católica contribuíram para formalizar e espalhar o sistema patriarcal na educação e na vida pública. As mulheres não tinham direitos, os homens detinham o poder absoluto sobre elas (pais sobre filhas, maridos sobre esposas). As instituições religiosas eram as responsáveis por dar ordens aos componentes nesta organização social.

Portela (2017) aborda que de acordo com Foucault, em *História da Sexualidade* (1999), após o século XIII intensifica-se, na voz de Tomás de Aquino, a aceção da mulher enquanto “macho imperfeito”, uma leitura neoaristotelica marcada pela disciplinarização da sexualidade e pela tentativa de controle do pecado determinando-se papéis sociais e modelos de conduta específicos das relações de poder características daquela sociedade. Ainda para Foucault (1971), as relações sociais e os enunciados que delas derivam são postos em movimento pelo próprio discurso: são, pois, históricas, concretas e políticas, na medida em que a linguagem também é uma construção social.

Ainda que embasados em uma definição sexual biológica, os papéis sociais de homens e mulheres na esfera das relações de gênero constroem-se a partir do desenvolvimento de características psicológicas, sociais e econômicas, que resultam em ações e comportamentos específicos, quase sempre unilaterais e polarizados entre a dominação do masculino e a submissão do feminino (SCOTT, 1995, p. 87).

A análise proposta pela historiadora americana Joan Scott (1995, p. 86) contribuiu sobremaneira para a renovação dos debates feministas acerca do lugar de subordinação da mulher. Para a autora, a categoria gênero incorpora importantes elementos: as representações simbólicas que o permeiam; os conceitos normativos que restringem sua utilidade metafórica, dada sua construção no âmbito das relações políticas, sociais e culturais e não apenas nas de parentesco; sua associação à identidade subjetiva.

[...] se a mulher convivesse com a esfera público-política, seria corrompida pela familiaridade com a força e a violência, característica masculina da esfera pública, sujeitando-se, assim, a perder as qualidades de pureza e ingenuidade tão características da esfera privado-doméstica (NADER, 1998, p. 61).

As relações de gênero configuradas no decorrer de toda a Idade Média europeia ocidental obedecem à separação das esferas de atuação público/privada de forma enfática, em que os

homens ocupam lugar de poder, autoridade e destaque social enquanto a mulher permanece relegada ao âmbito do lar.

A bruxaria está inteiramente ligada ao gênero feminino. Sendo assim, além do pacto demoníaco, a bruxaria estava associada ao malefícium, a magia maléfica, que aparece na Bula Summis Desiderantes de Inocêncio VIII (1484):

[...] muitas pessoas de ambos os sexos, a negligenciar a própria salvação e a desgarrarem-se da Fé Católica, entregaram-se a demônios, a Íncubos e a Súcubos, e pelos seus encantamentos, pelos seus malefícios e pelas suas conjurações, e por outros encantos e feitiços amaldiçoados e por outras também amaldiçoadas monstruosidades e ofensas hórridas, têm assassinado crianças ainda no útero da mãe, além de novilhos, e têm arruinado os produtos da terra, as uvas das vinhas, os frutos das árvores, e mais ainda: têm destruído homens, mulheres, bestas de carga, rebanhos, animais de outras espécies, parreirais, pomares, prados, trigo e muitos outros cereais; estas pessoas miseráveis ainda afligem e atormentam homens e mulheres, animais de carga, rebanhos inteiros e muitos outros animais com dores terríveis e lastimáveis e com doenças atrozes, quer internas, quer externas; e impedem os homens de realizarem o ato sexual e as mulheres de conceberem, de tal forma que os maridos não vêm a conhecer as esposas e as esposas não vêm a conhecer os maridos; porém, acima de tudo isso, renunciam de forma blasfema à Fé que lhes pertence pelo Sacramento do Batismo, e por instigação do Inimigo da Humanidade não se escusam de cometer e de perpetrar as mais sórdidas abominações e os excessos mais asquerosos para o mortal perigo de suas próprias almas, pelo que ultrajam a Majestade Divina e são causa de escândalo e de perigo para muitos. (KRAMMER)

A partir daí a bruxaria passou a ocupar um lugar central no campo das acusações de práticas mágicas ante os tribunais inquisitoriais, pois os diversos malefícium acima citados, segundo Keith Thomas, colocavam em risco a sobrevivência da humanidade, tanto no que concerne à reprodução da espécie como à sua subsistência

3. A INTERVENÇÃO

A intervenção foi realizada na Escola Estadual de Educação Básica Tito Ferrari, no município de São Pedro do Sul, no estado do Rio Grande do Sul. Esta se localiza no centro da cidade, na rua Borges de Medeiros, 670. A escola foi fundada em 1974, e funciona em três modalidades: ensino Fundamental com anos iniciais e finais, ensino Médio e EJA. No total, frequentam a escola 678 alunos.



No município de São Pedro do Sul, a Tito Ferrari é a única escola com o ensino médio e, portanto, recebe também os jovens que residem no interior (zona rural) do município. Além destes, o corpo discente é composto por jovens oriundos de vários bairros tanto próximos, quanto afastados do centro. De acordo com as fichas cadastrais dos alunos, a maioria procede de famílias simples e humildes, porém, há uma parte que pertence a famílias de classe média. Contudo, em boa parte, a renda média não ultrapassa três salários-mínimos.

A proposta dessa intervenção é a da utilização do cinema na disciplina de História no Ensino Fundamental – Anos Finais. A turma escolhida para a intervenção foi o 7º ano, turma 71. Esta é composta por 28 alunos, com média de idade entre 12 e 14 anos. Em sala de aula, a presença é, em sua maioria, de alunas do sexo feminino.

Com a pandemia do coronavírus (2020-2021), a participação dos alunos presenciais ficou na média de 16 alunos, respeitando a adesão dos responsáveis e o distanciamento, de acordo com o protocolo da Organização Mundial de Saúde (OMS)

Conforme a proposta de intervenção, o filme escolhido foi. *Abençoa-me, Última - A Curandeira* (Carl Franklin, 2013), relata o drama de um menino que conta com a ajuda de uma mulher para lidar com as energias do bem e do mal, através do seu dom natural da cura na comunidade que vive.



A dinâmica da apresentação do filme na Escola Tito Ferrari, para os alunos do ensino fundamental, séries finais, sétimo ano, ocorreu na sala de aula, com o retroprojeto, no horário regular, no período do turno da manhã. Contabilizando a atividade do cinema em sala de aula na disciplina de História em quatro horas, o filme durou uma hora e quarenta e seis minutos, 1,46m, e o restante do tempo foi dirigido nas ações de intervenções com os educandos conversa, debates, argumentações e outros.. Essa atividade deve o apoio dos professores de outras disciplinas, que encaram na construção do conhecimento no processo da multidisciplinaridade escolar.

Os educandos que participaram da “sessão”, estavam em maiores números de meninas (dez) características da turma, e o restante de meninos, contabilizando dezesseis alunos. A orientação no início da atividade, foi de que assistissem o filme de forma confortável, alguns optaram em sentar-se nas cadeiras e outros sentaram-se no assoalho da sala de aula, agruparam-se com seus pares. No decorrer da “sessão” foi distribuído saquinhos de pipocas e refrigerantes para os mesmos, procurando criar um “clima” de cinema.

As quatro horas de atividades foram direcionadas em alguns momentos específicos: no primeiro momento foi rodado o filme ininterruptamente, deixando que eles entendessem e percebessem a dinâmica da história (tema, personagens, conflitos e mensagens). Após o término do filme, passamos para o segundo momento, uma conversa informal sobre o cotidiano e os temas e acontecimentos abordados na história da personagem “Última” e suas práticas “naturais de cura”.

Na medida que os educandos foram sentindo-se a vontade, surgiu o debate, com várias intervenções sobre os temas entre eles: o feminino, os preconceitos estruturais, as formas de curas, a utilização das ervas, a cultura da ancestralidade através da oralidade e representatividade do empoderamento feminino com as práticas exercidas nesse período. Nesse processo de debate foi mediado pela professora (eu) que procurou direcionar, quando necessário, as falas intensas, confusas ou fora do foco das questões.

Após a exibição do filme, foi indagado para o grupo de estudantes quais foram suas impressões sobre o tema do filme. A intenção aqui era conhecer quais os pontos que, para o grupo, mais se destacaram. Logo, percebeu-se que o tema “curandeira ou benzedeira” é algo próprio do cotidiano desses jovens. Trata-se de algo que é mencionado em seu meio familiar e/ou social, compartilhado por suas comunidades como parte de uma ancestralidade que se reconhece no “ensinamento e no uso das práticas da cura”.

Durante os momentos de trocas de ideia sobre o tema “curandeira/benzedeira”, o grupo de estudantes relatou perceber um sincretismo religioso nos saberes de suas famílias. Demonstraram compreender que as práticas conhecidas misturam práticas religiosas vindas da fusão do candomblé, do catolicismo e de outras manifestações de fé como, por exemplo, a forma de benção e de “arrancar” o mal do corpo doente se utilizando de preces, água benta, rituais e ritos.

Em meio aos depoimentos dos alunos do 7º ano da escola e no debate do assunto específico da benzedura e da cura, pareceu-me claro que as raízes da cultura dos seus ancestrais versavam sobre uma prática “mística” do bem. Os adolescentes ressaltaram que o conhecimento dessas práticas lhes chegou de forma tradicional, isto é, passado de geração para geração, e não como um aprendizado nos livros ou na escola. Trata-se de algo que lhes aparece como uma “herança” que se perpetua na história oral de cada família.

Em suas comunidades, pelo que relataram os adolescentes, há uma ambiguidade no que se refere a importância ou não da perpetuação dessas práticas como algo do “bem”. Contudo, conforme o ato do ritual, tais atividades podem também serem interpretadas como uma ação do “mal”. O fato é que há um sentimento de dualidade em relação a essas questões.

Fernanda Meira de Oliveira descreve esse sentimento no Breve histórico das práticas de cura das rezadeiras na América portuguesa: “Como se aquelas sujeitas históricas conhecedoras das ervas, rezas, simpatias, entre outros, não tivessem importância para a sociedade por ter um conhecimento que vem do conhecimento popular, passado de geração para geração” (OLIVEIRA, 2018).

No decorrer dos questionamentos sobre “as curandeiras, rezadeiras ou benzedadeiras”, o grupo de alunes pareceu classificá-las – a partir de suas experiências – como três em uma, ou seja, como pessoas que conduzem as energias da cura e do bem, para beneficiar alguém ou algo. A representação destas figuras é de serem “mulheres velhas e pobres”, com suas moradias na periferia ou no campo (a referência pode ser devido a moradia dos ancestrais da maioria dos alunes serem na zona rural). Como descreve Jean-Claude Schmitt, um fato que acaba por: “(...) torna(r) as rezadeiras um grupo desvalorizado é (o) de serem mulheres e idosas e de classe menos favorecidas.” (SCHMITT, 1990).

Em meu papel de mediadora, contraponho à turma falando sobre o “preconceito e a perseguição” que essas mulheres sofrem quando fazem uso de seus “conhecimentos naturais”. Lembro-os dos conteúdos estudados como a perseguição das mulheres como “bruxas”, levando-as a serem vítimas de atos de crueldade como os que estão documentados na caça às bruxas europeias: a tortura, a condenação à fogueira e a morte. Nesses casos, esses ditos “saberes naturais” advindos da ancestralidade ou de um “dom” de curar se tornava uma sentença de morte.

Alguns alunes demonstraram que creem que “nem tudo é de energia do bem”. Para isso, citam algumas religiões que podem ser do “demônio” e que têm rituais que não são reconhecidos como sendo “do bem”. Muitos demonstraram crer que apenas os rituais religiosos do cristianismo poderiam funcionar reza para cura. Porém, outra parte dos alunes concordaram que se poderia compreender todos os rituais de cura como sendo práticas “do bem”. Nesse sentido, a expressão religiosa não importaria tanto para este grupo. Alguns deles, inclusive, relataram frequentar vários espaços de religiosidade para receberem energias positivas.

Em resumo, a intervenção a partir do uso do cinema no ensino de História alcançou a finalidade de proporcionar uma dinâmica atrativa, prazerosa e integradora. Ao mesmo tempo em que propôs reflexões e questionamentos. Por outro lado, como resultado, também é possível apontar a valorização dos saberes dos ancestrais, bem como a compreensão viva da História e a importância da cultura patrimonial das comunidades de origem dos jovens discentes. Em todas as vertentes, o trabalho de intervenção veio a fortalecer o conhecimento da História através da promoção do diálogo entre os alunes sobre o tema abordado no filme. O debate entre eles e comigo, a professora, ajudou-os a relacionar os fatos históricos mencionados no drama com seus estudos. Dessa forma, o cinema “entrou” na sala de aula como uma ferramenta capaz de “materializar” a disciplina e os textos estudados no livro didático.

4. CONCLUSÃO

A estratégia utilizada para os educadores do ensino fundamental com a produção cinematográfica em sala de aula, na disciplina de História, com o filme *Abençoa-me, Última - A Curandeira*, constitui como importante ferramenta de aprendizagem para o processo educacional escolar. Rompendo os paradigmas, na visão conservadora em relação ao conhecimento científico e o empírico. Ambos contribuíram no desenvolvimento da proposta do cinema e sucessivamente nos debates, nos argumentos, nas opiniões, nas colocações e no ponto de vistas de cada educando, posicionando-se com suas diferenças de vivências, de experiências familiares e sociais, enriquecendo a construção no processo de respeito a “diferença e a diversidade” de pensamentos e ideias, no âmbito escolar e na comunidade que vivem. A partir do emprego do recurso pedagógico com o “cinema” na sala de aula, têm-se um precioso aprendizado, ressaltando a relevância das diversas fontes de conhecimentos e reflexões aos temas “poucos” discutidos e debatidos no âmbito escolar como a questão do gênero feminino, os preconceitos estruturais, as formas de curas, a utilização das ervas, a cultura da ancestralidade através da oralidade e representatividade do empoderamento feminino. No processo educacional “todas” as ferramentas, agregação a integração e a colaboração do acatamento das ideias e pensamentos diversos da sociedade, edificando o alicerce para a cidadania plena dos educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Arcádia, 1997.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. Tradução Heci Regina Candiani. 1. edição. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOUCAULT, Michel. **L'Ordre du discours**. Paris: Gallimard, 1971.

Heinrich KRAMER; Jakob SPRENGER. Op. cit., p. 43-44

LEVACK, Brian. **A caça às bruxas na Europa moderna**. Campus, 1989.

NADER, Maria Beatriz. **A mulher e as transformações sociais do século XX**: a virada histórica do destino feminino. Revista de História da UFES. Vitória, n. 7, 1998

PORTELA. **Religare**, ISSN: 19826605, v.14, n.2, dezembro de 2017, p. 252-281.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995

TOSI, Lucí. **MULHER E CIÊNCIA A REVOLUÇÃO CIENTÍFICA**: a caça às bruxas e a ciência moderna. Cadernos Pagu (10) 1998: p.369-397.

NUP: 23081.116308/2022-32

Prioridade: Normal

Ato de entrega de artigo/monografia de especialização

144.32 - Trabalho de conclusão de curso. Trabalho final de curso de Pós-Graduação Lato sensu

COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
1	Artigo científico de aluno de especialização (144.32)	BRUXAS E CURANDEIRAS A SABEDORIA ANCESTRAL FEMININA (1).pdf

Assinaturas

05/04/2023 09:14:26

NIKELEN ACOSTA WITTER (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)
06.40.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - DHIST

Código Verificador: 1955225

Código CRC: 5aef94dc

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>

